



Qualis A4 ISSN: 2675-0236

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [DOAJ](#)

Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social



A filosofia da extrema direita atual: Nick Land, teórico neoreacionário da ilustração obscura e profeta do aceleracionismo

The philosophy of today's far right: nick land, neoreactionary theorist of the dark enlightenment and prophet of accelerationism

ARK: 69772/ppds.v8i16.1793

Recebido: 14/07/2026 | Aceito: 27/09/2026 | Publicado on-line: 29/09/2026

Gustavo Javier Castro¹

<https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>

<http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Alejandro Gabriel Olivieri²

<https://orcid.org/0000-0003-1068-8614>

<http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com



Resumo:

O artigo examina a trajetória intelectual de Nick Land. Seus inícios filosóficos na década de 1990 e sua atuação de liderança na CCRU. As teses aceleracionistas de Nick Land. Os conceitos de filosofia política da Ilustração Obscura. Análise crítica da ilustração obscura como filosofia política neorreacionária. O neoreacionarismo como movimento político e como filosofia política. O conceito de A Catedral e as críticas neorreacionárias à democracia liberal e ao Estado de direito como sintoma da crise da democracia.

Palavras-chave: Nick Land; aceleracionismo; neoreacionarismo; extrema direita; crise da democracia;

Abstract:

This article examines the intellectual trajectory of Nick Land, from his early philosophical work in the 1990s and his leading role in the Cybernetic Culture Research Unit (CCRU) to the development of his accelerationist ideas and subsequent formulation of the political concepts associated with the Dark Enlightenment. It critically analyzes the Dark Enlightenment as a neo-reactionary political philosophy, considering neo-reaction both as a political movement and as a body of political thought. Particular attention is given to the concept of the "Cathedral" and to neo-reactionary critiques of liberal democracy and the rule of law. The article argues that these critiques should be understood within the broader

¹ Possui graduação em Filosofia - Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008).

² Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília? UnB (2009), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina? UFSC (1995), Bacharel em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires? UBA (1985).



context of the contemporary crisis of democracy and the emergence of new forms of far-right political thought.

Keywords: Nick Land; accelerationism; neo-reaction; far right; crisis of democracy.

1.Introdução

Este artigo visa analisar criticamente os aspectos principais da filosofia política do filósofo britânico contemporâneo Nick Land. Faremos uma descrição e uma análise das suas principais ideias filosóficas, nos centrando, principalmente, nas suas posturas sobre o aceleracionismo, suas posições sobre a ilustração obscura, sua teoria neorreacionária e sua crítica à democracia liberal.

Na primeira parte do artigo, analisaremos sua trajetória intelectual, dividindo-a em quatro estágios diferenciados. O primeiro a ser tratado é sua atividade filosófica na *Unidade de Investigação Cultural e Cibernética* (CCRU), unidade coletiva e interdisciplinar de pesquisa na área da cultura. O segundo, a dinâmica do capital e da cibernética, numa economia libidinal antiestatista, e o conceito de “cyber revolução”, ao descrever que é o próprio Estado que opera o controle e a regulação como uma força que reprime o nosso inconsciente maquínico e as nossas máquinas desejantes. O terceiro, é justamente esse experimentalismo técnico, um experimentalismo da produção desejante e o apagamento das diferenças entre filosofia acadêmica e ficção científica. O quarto até hoje, depois de um longo tempo de ausência voluntária e afastado do debate filosófico, sua reemergência na segunda década século XXI como um dos teóricos mais relevantes da ilustração obscura e da filosofia neoreacionarista na atualidade.

Na segunda parte, analisaremos a reflexão filosófica de Land na década de 1990, centrando-nos no “desejo maquínico” inspirado na obra de Deleuze e Guattari. Assim como o desejo se identifica com um fluxo produtivo e impessoal, o mercado e o capital são, por assim dizer, uma inteligência auto-organizada e descentralizada. O capital pós-moderno, com seu cinismo supremo, está saturado pela sua crítica e se limita a caminhar na saga do antagonismo teórico como uma redundância inconsciente.

A terceira parte examinamos o conceito de “aceleracionismo” e a posição de Land no contexto desse debate. Esclarecemos que o aceleracionismo é um *movimento político-ideológico* no interior do qual há *diversas perspectivas*, a depender do autor que estivermos analisando. A corrente de pensamento denominada “aceleracionismo” defende uma análise radical da sociedade capitalista. Postula que a solução não é frear, mas acelerar ainda mais a lógica capitalista autogovernada e defende que as dinâmicas tecnológicas capitalistas sejam mais rápidas e sem quaisquer limites.

Na quarta parte analisamos os principais conceitos filosófico-políticos da chamada “ilustração obscura”. Ela não funciona apenas como uma cosmovisão filosófica neorreacionária, mas também como uma advertência sintomática que permite identificar as falhas das promessas da democracia liberal e da realidade política atual. Com efeito, questiona o consenso liberal de uma globalização inevitável e de uma democracia liberal que se expande sem limites, unida a uma confiança férrea na capacidade da resolução de conflitos pela via do consenso e das instituições democráticas. As suas propostas de filosofia política expressam a emergência de um novo mundo no qual a tecnologia digital e a IA se cruzam com a política, o poder econômico e a democracia.

Na quinta e última parte, avaliamos criticamente a ilustração obscura como filosofia política neorreacionária dividindo-a em três apartados específicos. No primeiro, analisamos o neoreacionarismo como um movimento político, mas também como um movimento conceitual da filosofia política atual. No segundo, apresentamos o conceito



neorreacionário de “A Catedral” e suas críticas à democracia liberal e ao Estado de direito. No terceiro, analisamos de forma rápida a crise atual da democracia liberal e como ela sustenta e, por assim dizer, legitima uma parte da crítica neorreacionária ao Estado de direito.

2. A trajetória intelectual de Nick Land

Vamos dividir em quatro partes principais a trajetória intelectual do filósofo britânico Nick Land. Land escreve e publica desde meados da década de 1980, e a sua tese de doutorado sobre o filósofo alemão Martin Heidegger é do final dessa mesma década.³ Entretanto, é apenas na década de 1990 que iniciará a conformação de um pensamento filosófico original mais sistemático.

São várias as fases da sua filosofia porque não desenvolverá um pensamento único e coerente, mas uma trajetória filosófica que tem mudanças drásticas até hoje, o que, além da sua personalidade pitoresca, lhe deu uma grande fama, especialmente nas redes sociais, convertendo-o rapidamente num filósofo pop. Tem tido um movimento explícito de guinada à extrema-direita a partir de meados da segunda década do século XXI e uma produção intelectual recente pautada em temas e problemas que estão longe das suas preocupações e posições filosóficas ao longo da década de 1990.

O primeiro eixo que gostaríamos de tratar é justamente sua atividade na entidade mítica do CCRU, a *Unidade de Investigação Cultural e Cibernética*, unidade coletiva e interdisciplinar de pesquisa na área da cultura criada em 1995 na *University of Warwick*, na Inglaterra, com o objetivo de refletir sobre o final do milênio. As fontes são nebulosas, mas a criadora e *alma mater* da Unidade foi Sadie Plant, filósofa inglesa de estudos culturais e ciberfeminista, próxima de Land e que juntos lideraram o que o CCRU de fato se tornaria.

Vários estudantes, que se tornaram intelectuais conhecidos hoje no cenário da filosofia inglesa fora dos *campi* universitários (ex. Mark Fisher), fizeram parte desse grupo de pesquisa, preocupado justamente pela aproximação do fim de século e pela última década do século XX, cheia de mudanças culturais, sociais e políticas. O CCRU se debruçava sobre questões da filosofia, da magia, do cinema, da arte, das drogas e tem um debate musical enorme. Land e, na época, seu discípulo Fisher, falavam muito sobre o estilo da música *jungle*, um subgênero do tecno, e sobre a relevância dessas estéticas musicais na cultura da época. Uma das originalidades de Land consistiu em misturar fontes filosóficas tradicionais com a cultura popular e literária mais “*pulp*” do momento.⁴

Segundo análises e pesquisas posteriores sobre o CCRU, aconteceu um grande movimento cultural na década de 1990: o que era considerado cyberpunk, gênero de ficção científica que surge na década de 1980, especialmente com autores americanos, tinha se materializado na vida real. Um deles, talvez o mais famoso, foi o William Gibson, que escreveu o romance cyberpunk *Neuromancer*. *Neuromancer* foi uma bíblia de ficção para o CCRU e especialmente para Land. É um livro relevante para a construção da filosofia do grupo e, segundo eles, a última década do século XX, estava concretizando na vida real os pesadelos *distópicos* que o cyberpunk já estava denunciando mais de uma década atrás. Há uma aposta nesse grupo, e em Land em particular, em que a ciência-ficção é o campo perfeito para gerar uma filosofia contemporânea original. (Carvalho Sousa, et Alli. 2025)

³ A tese de doutorado foi defendida em 1987 na *University of Essex* (Inglaterra). Sua pesquisa foi direcionada a temas estritamente filosóficos voltados à filosofia continental clássica. Land faz uma análise sobre o ensaio de Martin Heidegger denominado *A linguagem no poema*, no qual trata a poesia expressionista do escritor austríaco de Georg Trakl.

⁴ Lembremos que o filme *Pulp Fiction: tempos de violência* (na tradução em português), do diretor americano Quentin Tarantino, baseado no gênero “pulp”, foi estreado em 1994.



O segundo eixo é sobre a dinâmica do capital e da cibernética. As cosmovisões que se geraram no CCRU, no que diz respeito à relação entre o Estado e o capital, são muito diferentes, tanto do campo da esquerda quanto da direita tradicionais. Isso se dá fundamentalmente pela influência que esses filósofos tiveram do pós-estruturalismo, especialmente de três obras centrais do chamado “pós-estruturalismo francês”.⁵ No começo da década de 90, o grupo foi muito influenciado pela *economia libidinal* de Lyotard e Baudrillard, por um certo *anticapitalismo pro mercado*, desenvolvido pelo historiador Fernando Braudel e, sobretudo, por um *antiestatismo explícito*, influenciado por Deleuze e Guattari. A isso se soma, particularmente em Land, as percepções futuras da cibernética, que ele vai defender a partir das leituras de Norbert Wiener, um dos pais da cibernética e da IA.

O Land vai construir um projeto de economia libidinal, totalmente voltado para numa lógica de interação mútua entre a economia e o campo do desejo, quer dizer, um enfoque no campo de *produção desejante*. Há uma filosofia da imanência total e uma posição anti-humanista explícita. A crítica ao humanismo, também influenciada pelo pós-estruturalismo, reivindica o projeto da superação do humano, como parte central dessa filosofia. Em suma, todas essas influências da filosofia, da história, da política, junto com as noções de cibernética, vão incentivar a ideia de relacionar intimamente a lógica do capital e da cibernética.

A cibernética clássica cria a ideia conservadora de que a retroalimentação positiva é condicionada pela negativa. Esse sistema homeostático é o sistema da regulação estável, que permanece e se conserva em si mesmo. Essa concepção, na visão crítica de Land, mantém o organismo na crença do humano e da sua humanidade, mas ao fazê-lo suprime o *inconsciente maquínico*, suprime a natureza libidinal do sujeito. Uma proposta antropológica que se fundamente no impulso e na pulsão, implica uma libertação do desejo e a defesa de que esse inconsciente maquínico precisa ser liberado do decurso limitante da própria humanidade. Land é um anti-humanista consequente porque sustenta que a crença na *humanidade do sujeito* suprime seu inconsciente maquínico e sua natureza libidinal ilimitada.

Land escreve junto a Sadie Plant em 1995 um ensaio chamado *CyberPositive*. Descreve-se a *cyber revolução* como um processo no qual é o próprio Estado que opera o controle e a regulação como uma força que reprime o nosso inconsciente maquínico e as nossas máquinas desejantes. Esse diagnóstico do Land, significa que o movimento do impulso pela via do capital é um processo mais interessante do que continuar a regulação por meio do Estado e na crença do limite humano, na medida em que o capital é uma força revolucionária. Haveria duas vias revolucionárias possíveis: retirar-se do mercado mundial num caminho desaceleracionista não produtivista ou ir no sentido contrário, e ainda mais longe, no movimento aceleracionista do capital, da desterritorialização e da decodificação, pois, talvez, os fluxos desejantes ainda não estejam suficientemente desterritorializados nem suficientemente decodificados.⁶ (Land e Plant, 2020)

O terceiro eixo que caracteriza o pensamento do Land é justamente o experimentalismo técnico, um experimentalismo da produção desejante. Alguns dos seus textos evocam duas coisas: a *hiperstição* e a *teoria-ficção*. A hiperstição é uma tecnociência experimental na qual a cultura pode fabricar a própria realidade que antecipa e que

⁵ O *Antiedipo* de G. Deleuze e F. Guattari (2011), a *Economia Libidinal* de F. Lyotard (1990), e *A troca simbólica e a morte* de J. Baudrillard (2018).

⁶ Do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos, com alto teor esquizofrênico, ou seja, de fluxo real do desejo, deve se esquecer a representação edipiana que tenta explicar o nosso inconsciente por meio do triângulo edípico. E, ao mesmo tempo, o capital é uma força niilista, é uma força que cresce por crescer e delimita os seus limites sempre com a esquizofrenia como a morte e a fuga dele. O processo não deve ser criticado, pois ele é a crítica mesma. (Deleuze e Guattari, 2011)



produz profecias autorrealizáveis na qual a ficção age como uma força causal no mundo real. A teoria-ficção resume-se num método de escrita experimental que objetiva *apagar* as fronteiras entre a filosofia conceitual abstrata e crítica, e a ficção científica. (Land, 2019)

O quarto, depois de um longo tempo de ausência voluntária e afastado do debate filosófico e ao qual Land retorna em 2012 para a arena pública, resume-se no lançamento do livro *A ilustração Obscura* ou *Iluminismo das Trevas* (*Dark Enlightenment*), compartilhando ideias com Curtis Yarvin, um blogueiro famoso nos USA, engenheiro da computação e teórico da extrema-direita norte-americana.⁷ A Ilustração Obscura é, para muitos críticos, uma guinada explícita de Land para a extrema-direita, liderando o que se tem denominado “um aceleracionismo de extrema-direita”.⁸

O Land propõe um retorno político para uma não-modernidade e defende um libertarianismo ou um anarcocapitalismo neorreacionário. De fato, nos últimos anos se aproximou bastante de um grupo conhecido e autodenominado de “neorreacionários”, que se considera uma *alt-right*, uma direita alternativa, e que tem se constituído em torno de fóruns grupais presenciais ao redor do mundo e nas redes sociais, muito próximos da ficção científica, da computação, da cibernética.

3. Os inícios filosóficos de Nick Land que o próprio Land não reconhece hoje

Como afirmamos antes, o caso de Nick Land é um caso interessante porque trata-se de um professor universitário que deu aulas na universidade de Warwick. Ali, nos anos de 1990, criou o CCRU com Sadie Plant, em que participaram estudantes como Mark Fisher, que fascina a muitos jovens até hoje, como o jornalista e crítico de música inglês Simon Reynolds. O CCRU se converteu em uma enorme influência para toda a geração britânica de pensadores fanáticos da música de Young Girl, interessados por Lovecraft, pela ciência-ficção, pelo ciberpunk, por William Gibson, pela esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Foi, por assim dizer, o núcleo do qual vão surgir alguns dos processos criativos e reflexões filosóficas daquilo que se conhece como aceleracionismo, realismo especulativo, ontologia orientada aos objetos etc.⁹

Land nasceu em 1962 e se apresenta como uma das figuras mais abrasivas, obscuras, e originais da filosofia inglesa do nosso tempo. Um filósofo que fascinou como professor a seus alunos nas aulas, um filósofo heterodoxo, alguém com uma tendência a gerar uma teoria filosófica misturada com criatividade literária, que há anos está fora dos claustros universitários e que atualmente mora em Shanghai.

Em 1992 escreveu um livro chamado *Thirst for Annihilation: George Bataille and Virulent Nihilism*, sobre o filósofo e escritor francês George Bataille, uma tentativa de ajustar contas dos seus experimentos textuais com Bataille, mas, de fato, é uma releitura do pensamento de Nietzsche, visando pensá-lo num espaço diferente e de fora da filosofia acadêmica. (Land, 2021)

A reflexão sobre o *Código Máquina* ou desejo maquínico é claramente inspirada em Deleuze e Guattari e adverte como o *colapso* da cultura pós-moderna para a economia foi disparado pela articulação fractal da mercantilização e dos computadores. Assim como o

⁷ Land, após morar um tempo em Taiwan, atualmente reside em Shanghai, onde se dedica a questões de periodismo *free lance* e dirige as editoras *Urban Anatomy* e *Time Spiral Press*. É curioso que um teórico que está próximo de movimentos de extrema direita e de uma articulação pró-capital, ao mesmo tempo defenda nos seus últimos textos o sistema econômico-político chinês, ao afirmar que a China é o maior motor histórico social de desenvolvimento do mundo.

⁸ Ao longo do livro, reconhece as dívidas intelectuais que tem com alguns ilustres pensadores, por exemplo, Hobbes, Edmund Burke, os pais fundadores dos Estados Unidos, Leon XIII, Bertrand de Jouvenel, Winston Churchill, Fredrik Hayek, que, na sua leitura, são todos neorreacionários.

⁹ Há uma influência marcante de Deleuze e Guattari e de toda uma série de autores, que concordam em localizar a estética e a arte num lugar central da filosofia, em vez de transformá-la numa área de estudo marginal dela.

desejo se identifica com um fluxo produtivo e impessoal, o mercado e o capital são, por assim dizer, uma inteligência auto-organizada e descentralizada. Uma dissipação trans-escalar de entropia que vai desde o comércio internacional até o *software* orientado ao mercado e que descongela as dinâmicas competitivas fechadas nos bancos de criogenia do corporativismo moderno. O capital pós-moderno, com seu cinismo supremo, está saturado pela crítica e se limita a caminhar na saga do antagonismo teórico como uma redundância inconsciente. Não há que retirar-se do processo, mas ir mais além, acelerar o processo, como dizia Nietzsche. (Land, 2024a)

Tem que re-endogenizar a crise, saber que emergirá o anti-autoritarismo, mas também retornarão potências fascistoides e um possível nanocataclismo. É necessário pensar cibernética-tacticamente, construindo o futuro sem dismantlar o passado, nem recorrer nostalgicamente a ele. O *tempo lixo* chega ao fim, e estamos num momento do falho, do inesperado, do erro, da imperfeição, como aconteceu com o bug do Milênio, essa falha do sistema, que já analisou a bióloga Linn Margulis quando propôs que as células nucleadas apareceram como um subproduto da catástrofe de oxigenação há 2.500 milhões de anos.

Na interpretação do Lang, Foucault descreve os contornos do poder enquanto estratégia sem sujeito. Seu inimigo é uma tática sem estratégia que encurrala a imaginária geopolítica de conquista e resistência com sabotagem e evasão, ambos em termos de micro-militância nômade que reforça a inteligência. Todas as instituições políticas são alvos militares e cibernéticos e descreve qual é a condição viral dos vírus informáticos que afetam nosso tempo. Como já não se trata de pensar a técnica, dado que a técnica pensa cada vez mais por si mesma e ao se propor uma saída ligada à forma de meditação sobre a técnica de caráter heideggeriano, só tenta adaptá-la à condição cibernética, onde evidentemente tem que enfrentar-se ao pensamento e às propostas da cibernética que realizou Norbert Wiener.

Defende que a individualidade imunopolítica e a pretensão de um domínio transcendente dos objetos não começa com o capitalismo, mesmo que o capital a invista com novos poderes e fragilidades. O próprio inconsciente não está estruturado de uma forma pessoal, não simboliza, não imagina nem representa, mas é maquínico. O capitalismo e a esquizofrenia, ligado às análises de Deleuze e Guattari no *Anti-edipo*, dominam o mesmo processo de dessocialização, desde dentro e desde fora, em termos de origem, acumulação simulada, destino e delírio impessoal.

Land vai adotando uma posição política cada vez mais ambígua, quando não de apoio hermético ao capitalismo. Como o capitalismo tem se acelerado progressivamente e não é possível já criticá-lo, transforma-se, em boa medida, em nosso próprio destino. O pós-capitalismo carece de significado, exceto como final do motor da mudança. Mais além da socialidade, há uma esquizofrenia universal cuja evacuação adota entro da história a forma de capitalismo.

O próprio Nick Land mais trade contemplou criticamente esses textos como expressão do seu passado intelectual, associado com o uso de anfetaminas e com aquela aceleração que provocam algumas drogas, mas também com aquela metamorfose que quis fazer de sua própria da forma do pensamento, da corporalidade e da transformação do seu organismo, e que se tornou, segundo ele mesmo, num fenômeno venenoso.

4. O Aceleracionismo em Nick Land

Como afirmamos anteriormente, Nick Land é atualmente um dos filósofos mais relevantes e conhecidos da maior ofensiva anarcocapitalista da extrema direita mundial. A origem do conceito “aceleracionismo” está bastante disputada, mas por um rastreio dos



documentos que estão digitalizados, mais ou menos está estabelecido que a primeira vez que aparece o termo é na novela *Lord of the Light*, do poeta e escritor americano Roger Zelazny de 1967. Zelazny apresenta um mundo de ciência-ficção em que “aceleracionismo” significa a aceleração das relações pessoais até um limite praticamente impossível de se viver. É bom esclarecer desde o início que o aceleracionismo é um *movimento político ideológico* no interior do qual há *diversas perspectivas*, a depender do autor que estivermos analisando.

A corrente de pensamento denominada “aceleracionismo” defende uma análise radical da sociedade capitalista. Postula que a solução não é frear, mas acelerar ainda mais a lógica capitalista ao postular que as dinâmicas tecnológicas capitalistas sejam mais rápidas e sem limites. E propõe fazê-las a qualquer preço. Ao preço, inclusive, de renunciar a compreendê-las inteiramente e entender melhor as suas consequências. Aceitar, no fim, todas essas transformações não é motivo de melancolia, tristeza ou medo, mas uma nova forma de identidade vital e política, capaz de iluminar um novo mundo. (Land, 2024b)

O texto *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo* é um texto claramente programático, vamos dizer assim, mesmo que ele não esclareça nenhum programa, mas é um texto muito bem construído, que reflete sobre a *singularidade tecno-capitalista* e assinala, desde seu início, que à medida que os mercados aprendem a fabricar inteligência, a política se moderniza, atualiza a paranoia e tenta tomar o controle. (Avanessian y Reis, 2017)

Há uma defesa para substituir as instituições democráticas vigentes, o que o atual primeiro-ministro canadense Mark Carney chamou de “um mundo baseado em normas internacionais compartilhadas”, por um arquipélago de *Network States*, estados virtuais à margem de todo o direito internacional. Países virtuais que serão administrados por um chefe executivo, com uma lógica empresarial que podem substituir os Estados-nações atuais. Esses “países” serão, tal como se desenha, um mosaico fragmentado de não-lugares, num mundo em que a *sem distância* reina, e que estão sendo testados e instalados em plataformas flutuantes no alto mar, fora das soberanias estatais legítimas.¹⁰

O conceito, na realidade, começa a popularizar-se desde um ponto de vista filosófico a partir do livro *Antiedipo* escrito de forma conjunta por Deleuze e Guattari. Os dois filósofos franceses apresentam, sob a antiga dicotomia de socialismo ou barbárie, duas alternativas de saída ao capitalismo. Por um lado, a alternativa do *refúgio neoestoico*, ou seja, refugiar-se em si mesmo e cuidar do próprio jardim. A ideia de que já não é possível a construção de uma utopia, mas no máximo pode se construir uma espécie de *heterotopia*, um outro espaço, um lugar de resistência ou de fratura, alheio às lógicas dissipadoras do sistema capitalista.

Por outro lado, a alternativa aceleracionista, que visa acelerar a velocidade da expansão capitalista até que ela *colapse* por suas próprias contradições. O que eles afirmam não é que o capitalismo gere seus próprios coveiros e que de maneira determinista e economicista se chegará a uma crise sistêmica final. Pelo contrário, mostram as *potencialidades* que tem o capitalismo enquanto sistema que desterritorializa, decodifica, sentando as bases, por isso, de uma *esquizopolítica*. (Land, 2017) O verdadeiro adversário ou inimigo ao interior do capitalismo, são as estruturas patriarcais, estruturas

¹⁰ Como analisaremos especificamente no item 5, apresenta-se uma proposta para superar as instituições políticas republicanas em seu conjunto, e superando também a lentidão do procedimento decisório que o espaço público democrático exige para funcionar. Este novo super-homem (para além do homem) que se coloca sobre a mesa e que nos traz o progresso tecnológico de TI e IA, enfrentará os mesmos problemas que enfrentou a ilustração.



reativas a essa aceleração das relações pessoais e dos intercâmbios econômicos, e o próprio Estado, como um conceito e realidade claramente territorializada.¹¹

O aceleracionismo é uma ideia que também está mais ou menos presente na filosofia do pensador francês Jean Francois Lyotard, e a sua defesa de uma *economia libidinal*, que muitos consideram ser a base da filosofia ciberpunk dos anos 90. Segundo Lyotard, os desempregados ingleses não precisam se tornar trabalhadores para sobreviver. Eles gostam da exaustão histérica, masoquista que lhes faz pendurar-se das minas, das fábricas e do inferno. Gostam da louca destruição do seu corpo orgânico que foi imposto de fato sobre eles. Gostam da decomposição de sua identidade pessoal e da identidade que a tradição campestre construiu sobre eles. Gostam da dissolução de suas famílias e de seus povos. E gostam dessa anomalia monstruosa nova dos subúrbios e dos pubs tanto pela manhã quanto pela noite. (Lyotard, 1990)

A saída aceleracionista está muito mais matizada no livro *Mil Platôs* dos anos 80, no qual Deleuze e Guattari defendem a ideia de que o que se deve fazer é elevar a derivada da velocidade, ou seja, que a questão não é simplesmente que o capitalismo seja mais veloz ou não, mas que o que importa é seu *ritmo de expansão*, já que há uma distinção entre aceleração e velocidade. A aceleração é o ritmo com que um objeto alcança a uma certa velocidade. (Deleuze e Guattari, 2020)

O curioso é que nesses mesmos anos a visão aceleracionista é recuperada principalmente por um grupo de *ciberpunks* em Warwick na Grã-Bretanha, liderados por Nick Land. De cara à visão ativista da esquizopolítica e da desterritorialização/reterritorialização de Deleuze e Guattari, Nick Land se interessa especificamente pelas *potencialidades maquínicas* que há em diversos agentes políticos. Ao rejeitar a política britânica vigente na década de 1990, defende a ideia de que o desenvolvimento capitalista trará por si mesmo a *singularidade*, sem levar em consideração tanto os processos de desterritorialização como de reterritorialização. Em outros termos, aposta que nesses anos, sobretudo pela linha estética que estava marcando o jungle e o desenvolvimento do techno naquela época, esse formato estético de aceleração era a representação perfeita dos últimos estertores que iria dar ao capitalismo o momento de alcançar a singularidade: *a velocidade seria tal que iria superar a capacidade de criação e cognição do ser humano*.

Por *singularidade* se entende, dentro da tradição filosófica transumanista, o momento em que as máquinas, especialmente os robôs, e a IA alcançam um grau de complexidade e de interconexão tal, capaz de substituir o ser humano em todas as suas atividades produtivas de qualquer tipo. De tal forma que nos encontramos já em um estágio em que as máquinas seriam capazes de criar máquinas de maneira autônoma, apenas sem supervisão. E não só isso, caberia até a perspectiva e possibilidade da imortalidade dos seres humanos, com sua transmissão das mentalidades etc.¹²

Há um resumo que Marx Fischer, um dos seus discípulos mais famosos, faz da filosofia de Land que diz o seguinte: Land é, basicamente, o desejo maquínico de Deleuze e Guattari, irremediavelmente desnudo de todo o seu vitalismo bergsoniano, feito

¹¹ Um exemplo de política aceleracionista prévia até mesmo ao livro de Deleuze e Guattari, é a famosa “estratégia Cloward-Piven”. É uma teoria política elaborada por dois sociólogos norte-americanos, Frances Piven e Richard Cloward, ambos professores da Universidade de Columbia e, além disso, ativistas, que em um artigo chamado “O peso dos pobres” (1966), apresentam uma estratégia para terminar com a pobreza. Aí, afirmavam que o principal caminho para acabar com a pobreza não era defender uma espécie de Estado de Bem-estar reformista, criando programas mais ou menos sustentáveis a longo prazo, que fossem estendendo sistemas de subsídio por desemprego, incapacidade ou o que for, mas que a solução consistia em sobrecarregar intencionalmente o sistema de bem-estar estadunidense até o ponto em que se precipitasse uma crise nacional que obrigaria a uma suplantação drástica do sistema reformista do estado de bem-estar por um Estado, nacionalizado, em que se garantiria a todos os indivíduos um renda mínima. (Piven e Cloward, 1996)

¹² Do mesmo modo que houve um socialismo utópico no começo do século XIX (Fourier, Saint-Simon etc.), que imaginaram futuros praticamente de ciência-ficção, também nos encontramos hoje com a aparição do transumanismo e do libertarianismo utópico, muito em voga hoje, que, de fato, apresenta mais uma espécie de utopia, mas que já está instalada nos departamentos de produção internos e nas políticas empresariais das Big Techs digitais e de IA.



compatível, em retrospectiva, com a pulsão de morte de Freud e a atividade da vontade de Schopenhauer. Land foi nosso Nietzsche, com a mesma conjunção de tendências progressistas, com uma mistura bastante paradoxal e singular de reacionário e futurista.¹³

Ao contrário do exposto nas primeiras análises de Nick Land, especialmente em *Desejo maquínico* (2024a) de que em algum momento o capitalismo se libertaria dessa máscara de falsa sinceridade e autenticidade e revelaria finalmente uma espécie de *desencantamento* weberiano total do mundo, e que, portanto, seriam óbvios os sistemas de exploração e dominação, de redistribuição e controle do capital, em lugar disso, o que aconteceu foi justamente o contrário. Estamos na época das duas interfaces, onde os aparelhos são de uso cada vez mais intuitivo e a ideologia agora se apresenta como uma tela perfeitamente operável por qualquer símio superior.¹⁴

Em suma, os defensores das teses aceleracionistas defendem que se deve ir ainda mais longe no movimento do mercado, da decodificação e da desterritorialização, pois talvez os fluxos não estejam ainda bastante desterritorializados, bastante decodificados. Por esse motivo, não se deve retirar do processo, mas ir mais longe, acelerar o processo. O próprio sistema, por suas próprias contradições, acabará explodindo ou acabará chegando a pontos nos quais se superará a si mesmo por causa da própria aceleração.

Se deixarmos que o sistema chegue até as suas últimas consequências da sua própria idiossincrasia e se nós mesmos potenciarmos essa aceleração para que chegue antes, se chegará a um *turning point* no qual o *status quo* mudará de verdade. Em outros termos, se se levarem essas dinâmicas e processos até suas últimas consequências, chegará um momento no qual, nesse cúmulo de tantas contradições, e na hora de gerir todas essas desterritorializações e reterritorializações, se acelerará indefinidamente e se fagocitará a si mesmo porque estamos falando de um *processo* de aceleração. Isto vale tanto para um aceleracionista de esquerda (Mark Fisher, Aaron Bastani etc), como de direita (Land, Yarvin, etc) porque há muitos pontos de vista em comum, o que faz dele um termo complexo.

5. A ilustração Obscura: conceitos filosófico-políticos ¹⁵

Há algumas querelas travadas na filosofia que não têm a ver com o que é ou não moralmente correto, mas que podem ser analisadas a partir de um ponto de vista estritamente crítico. Em outros termos, é interessante no caso da ilustração obscura poder compreendê-la, analisá-la e levá-la em conta, assim como pôr em questão sua própria cosmovisão e seu fundamento metafísico. O que esse movimento questiona e promete como projeto de filosofia política tem a ver diretamente com o panorama político, social e filosófico atual, acalentado pelas extremas direitas atuais. (Thiel, 2014)

¹³ A velocidade, no sentido abstrato e técnico do termo, é crucial na própria escrita de Land. As provocações telegráficas, em um estilo tech-punk, substituem as conspícuas cogitações de uma grande parte do estruturalismo continental, e sua implicação era muito mais laboriosa e agonística na escrita, de tal forma que sempre precisava acelerar muito mais. Para seus seguidores neoreacionários, quaisquer que sejam os méritos filosóficos de Land e suas provocações teóricas, o que claramente fica como uma contribuição das suas ideias foi o assalto crítico à esquerda acadêmica, uma esquerda subsidiada pelo Estado, aburguesada, envelhecida, que eles chamam de "marxismo acadêmico".

¹⁴ Land qualificou seu campo de estudos, no grupo que tinha montado em Warwick, de *Collapse of Western Civilization Studies*: Estudos sobre o colapso da civilização ocidental, com alguns ecos da filosofia de Oswald Spengler sobre a decadência do Ocidente. Land, depois desse momento em que cria praticamente todo o seu discipulado, entra em um estado de loucura, em que já se coloca a escrever cifras sem sentido porque, segundo diz, começa a escutar vozes dentro de sua cabeça, e uma vez passado esse período de loucura dos anos 2000, se muda a China onde faz o giro teórico que atualmente se conhece como a Ilustração Obscura.

¹⁵ Este apartado recupera, de forma modificada, o debate sobre a Ilustração obscura que fizemos no nosso artigo OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. Os novos filósofos da extrema direita atual: Peter Thiel e a cosmovisão tecnocrática apocalíptica da política. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*. Vol. 17, n 54, 2026.



Nessa mesma especulação filosófica -aí está a beleza da filosofia- podem-se encontrar e questionar as fendas apresentadas pela situação civilizatória atual.¹⁶ (Olivieri e Castro, 2025) Os autores desse movimento de neoreação afirmam que a democracia liberal, tal como a conhecemos, é produto da *Ilustração Filosófica* desenvolvida na Europa no século XVIII e que não deveria ser interpretada nem defendida, tal como a entendemos hoje, como o ponto mais alto da história política humana. (Castro, Olivieri e Lacerda, 2025c)

Nick Land aponta que a democracia liberal é um sistema decadente e ineficiente por conter muitas falhas, paradoxos e contradições que impedem seu próprio funcionamento como teoricamente deveria ocorrer e considera-a um sistema *incapaz* para resolver os próprios problemas que gera. Na sua avaliação a democracia liberal produz muitas injustiças, é ineficiente em diversas ocasiões e acumula armadilhas em seu entorno, acabando por funcionar como um *poder político autoritário* diante da crise dos partidos políticos tradicionais e da representação política como um todo.

Ao fim e ao cabo, seria mais eficiente entregar o poder político às *novas elites tecnológicas*, os proprietários e CEOs competentes das *Big Techs* que já demonstraram habilidade e eficácia em seus campos profissionais específicos, mas que agora as demonstrariam à frente de uma nova *governança política aristocrática de cunho tecnocrático*.

Por um lado, Land afirma que uma forma de *metrópole cyberpunk* deveria assumir esse comando e que os Estados e seus governos deveriam funcionar como se fossem empresas, sob a direção eficiente de um CEO experiente e bem-sucedido, quando focado no benefício econômico e na eficiência de sua corporação, e que agora o seria também dessa cidade-Estado, o que configuraria o governo ideal. Por outro lado, também critica o voto democrático, pois supõe que o sufrágio universal contempla tantos perfis diferentes de pessoas que o resultado é invariavelmente marcado por decisões questionáveis para o bem comum, sob a premissa de que a maioria da população é medíocre e incapaz de tomar suas próprias decisões políticas livres.

Em outras palavras, todos os ideais normativos oriundos da Ilustração -liberdade, igualdade e fraternidade etc.- que, acompanhados de uma sorte de dialética de progresso, objetivaram o sonho iluminista, para os ideólogos da ilustração obscura, pelo contrário, alguns desses princípios fundamentais -senão a maioria- deveriam ser revertidos ou apagados, defendendo um projeto civilizatório que vai na contramão da Ilustração moderna, motivo pelo qual denominam suas propostas de "ilustração obscura ou iluminismo das trevas". O que a ilustração obscura propõe é o questionamento *radical* dos principais princípios ilustrados porque, na sua cosmovisão, não são mais válidos para analisar, compreender e agir com sucesso na época em que vivemos e na que está por vir. Dito de outro modo, assinalam que as promessas do iluminismo fracassaram e que, por esse motivo, "melhorar" pode significar também "destruir".

Afirma-se que a liberdade legitimada na vida democrática gera *caos e desordem*. Nesse caos desordeiro, acaba emergindo uma demanda social pervasiva por mais autoridade, já que a *insegurança* gerada por esse cenário democrático caótico faz com que a sociedade acabe demandando uma *autoridade forte* para administrar o caos social, legitimando, assim, um governo *iliberal* centralizado.

Para melhor compreender a ilustração obscura, é nessa crítica que se legitima teoricamente a chave de leitura tecnocrática do "filósofo-rei", uma interpretação do

¹⁶ [Pode considerar-se que as fontes dessa cosmovisão se encontram num conjunto de livros, artigos, podcasts etc., que vão desde Nick Land, Curtis Yarvin, Alexandre Karp, até o próprio Peter Thiel. Portanto, a cosmovisão da Dark Enlightenment não está num único livro, mas em diversos textos, muitos dos quais ainda estão na web.](#)

filósofo-rei que se traduz, em suma, num *monarca ilustrado*. Nessa interpretação política, a nova governança deve se sustentar num "tecnocrata-rei" advindo do ecossistema das grandes corporações das novas tecnologias digitais e da IA. A legitimidade política não deveria derivar *necessariamente* do *consentimento popular* emanado livremente dos resultados das urnas, mas do conhecimento especializado e legitimando tecnologicamente de uns poucos, e de uma *razão instrumental* identificada agora com a sabedoria política (*phronesis*) (Land, 2022).

Quando os filósofos e donos de Big Techs Peter Thiel e Alexander Karp defendem que os donos e CEOs dessas empresas assumam a soberania sobre os Estados e os administrem como corporações privadas, retomam a provocação platônica clássica: por que a *maioria*, tida como medíocre e incompetente, deveria governar, quando temos à disposição uma *minoría* competente, com *expertise* comprovada em seus campos de atuação profissional? (Karp, 2025)

Entretanto, há uma diferença fundamental entre a proposta platônica e a dos teóricos da ilustração obscura. Platão defende uma preparação filosófica, lógico-matemática, dialética e, sobretudo, em *ética pública baseada na justiça* (virtude política por excelência), proveniente da própria *tradição filosófica*. Já Land, Thiel e Karp e outros defendem uma sorte de elite puramente *tecnocrática*: um *gestor político* ou um *político gestor*. Nesse sentido, o *horizonte moral e normativo* da filosofia política da ilustração obscura distancia-se profundamente da normatividade platônica.

Por um lado, Land transforma a *crítica cultural à modernidade* feita por alguns filósofos contemporâneos nietzschianos (Bataille, Deleuze e Guattari, Foucault etc.) em uma crítica de corte meramente *político*, atravessada por um viés *tecnológico estreito*. Por outro lado, há uma crítica oriunda da *filosofia política hobbesiana* do século XX (Carl Schmitt, Leo Strauss etc.), segundo a qual a *ordem política* e a *segurança social* seriam mais importantes do que a liberdade. Uma vez que vivemos num "estado de natureza" no qual o conflito, a insegurança e a violência são permanentes, todos os indivíduos deveriam delegar seu poder a um soberano supremo: o famoso Leviatã.

Há um pressuposto *metafísico* hobbesiano oculto ao suspeitar que a estabilidade política requer *formas de autoridade* muito mais rígidas e centralizadas, ausentes nas democracias liberais representativas contemporâneas, as quais pressupõem e legitimam a igualdade de todos em termos de direitos políticos. Enfim, todas as questões levantadas pelos filósofos da ilustração obscura confluem na aceitação e legitimação de que nunca há uma *igualdade real* na condição humana.

A ilustração obscura pode ser interpretada como uma resposta crítica ao otimismo civilizacional do "fim da história" (Fukuyama), que combinava mercados globais abertos, democracia liberal representativa e paz duradoura, modelo que emergiu e se consolidou ao longo das duas últimas décadas do século XX. Entretanto, vivemos hoje em um mundo que experimentou em 2008 uma profunda crise financeira nos principais países capitalistas avançados, que se alastrou rapidamente pelo mundo inteiro, aumento da fragmentação social violenta, ascensão de novas potências, polarização política extrema, digitalização profunda e IA nos processos produtivos disseminados globalmente. Em suma, começa a se instalar um novo mundo tecnológico que gera ansiedade e medo, percebendo-se a perda progressiva de fundamentos políticos democráticos e republicanos relevantes, como a *confiança institucional*. Nesse sentido, a ilustração obscura é uma interpretação neoreacionária, uma *retrotopia*, do "medo ambiente" cotidiano atual. (Bauman, 2023).

Diante desse panorama, a resposta de alguns pensadores contemporâneos é compreender que não se trata do fim da história, mas do início de uma *nova fase histórica*.

É aqui que reside o novo interesse pela filosofia política contemporânea: em como se interpreta, se redefine e se dá forma conceitual a essa nova etapa que estamos vivenciando. O diagnóstico neoreacionário representa uma das primeiras fendas intelectuais contra o consenso liberal que triunfou desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o término do século XX. É por isso que a ilustração obscura pode ser lida como um sintoma histórico, pois marca o momento em que a cultura ocidental começa a suspeitar de seu próprio DNA: as ideias do Iluminismo, da democracia liberal e da globalização, que se mostram insuficientes de explicar o mundo de hoje (Olivieri, Castro, Lacerda e Palma, 2020)

Land, Thiel e Karp identificam essas “patologias democráticas” na existência de uma burocracia estatal excessiva e no próprio sistema eleitoral das democracias atuais, quase sempre estruturado em mandatos curtos de quatro ou oito anos, incapazes de viabilizar projetos de longo prazo, como ocorreria na China. Especificamente Land e Yarvis entendem que ali se apresenta uma vantagem comparativa, pois o imediatismo eleitoral das democracias liberais torna inviáveis as políticas públicas de longo alcance e impede a execução de projetos que demandam mais tempo e consenso devido à sua envergadura. Ao fim e ao cabo, esse cenário conduz a uma *incompetência institucional e administrativa na governabilidade das democracias liberais*. (Miranda, 2026)

Como analisamos antes, Land, devido a sua estirpe filosófica (uma síntese de niilismo anarquista e determinismo tecnológico) e a sua participação em movimentos como o “aceleracionismo”, defende que o capitalismo, em vez de ser contido ou freado, deveria ser acelerado até suas últimas consequências. Em outras palavras, interpreta o capitalismo como uma inteligência maquínica emergente, uma espécie de processo autônomo que “utiliza” os humanos como veículos temporais no espaço-tempo. Por esse motivo, a *dimensão política* da existência perde relevância, assim como a *dimensão especificamente humana*; toda sua análise interpretativa centra-se em um aceleracionismo tecnológico cego e transumanista desprovido de qualquer intervenção humana e *práxis política* significativa.

Segundo Coeckelbergh, presenciamos a emergência de um novo tipo de fascismo ou de democracias autoritárias que se veem empoderadas e impulsionadas pelo alcance expandido dos algoritmos da IA. Esses algoritmos permitem ordenar o caos da informação circulante, sem o qual seria inviável conduzir a vida cotidiana na forma como a conhecemos. Esse ordenamento do caos tornou-se uma ferramenta necessária para que possamos atuar como seres funcionais dentro da própria sociedade que alimenta esses algoritmos, gerando uma profunda relação de *dependência cotidiana* em relação às tecnologias vigentes. Entretanto, embora essas sociedades continuem organizadas legalmente sob regulações e mecanismos institucionais, as plataformas tecnológicas passam crescentemente a governar os espaços democráticos, o cotidiano e o *mundo da vida* das pessoas.¹⁷

Como resumo deste apartado, podemos afirmar que a ilustração obscura funciona como uma cosmovisão filosófica, mas também como um relato de advertência que permite identificar as falhas da realidade política atual e analisá-las criticamente. Questiona o consenso liberal de uma globalização inevitável e de uma democracia liberal invencível que se expande sem limites num mundo pacífico, unida a uma confiança férrea na capacidade da resolução de conflitos pela via do consenso racional e das instituições

¹⁷ Para descrever essa nova relação, cunhou-se o termo “tecnofascismo”, conceito associado ao filósofo austríaco da tecnologia Mark Coeckelbergh (2024) e à filósofa italiana Donatella Di Cesare (2026). Também tem se popularizado o conceito de “tecnofeudalismo”, proposto pelo economista grego Yanis Varoufakis (2025), para descrever a situação presente.



democráticas. Hoje emerge um mundo complexo no qual a tecnologia digital e a IA se cruza com a política, o poder econômico e a democracia.

6. Análise crítica da ilustração obscura como filosofia política neorreacionária

6.1. O neoreacionarismo como campo da filosofia política atual e como movimento político

Segundo o romancista norte-americano Paul Auster, “só a escuridão tem a força necessária para fazer que um homem abra seu coração ao mundo”. (Paul Auster, 2008) Nesta frase percebemos, poeticamente, como a escuridão pode ser também um caminho capaz de abrir um mundo, apesar da dor embutida. Isso expressa bem uma espécie de neorromantismo ressuscitado hoje num contexto pessimista de mudanças radicais. Nos últimos textos de Land também está presente a ideia de que desde a escuridão se pode fazer algo, mesmo que seja sacrificando tudo. Neles, há uma metafísica esquizofrênica, na qual as tecnologias avançadas servem para invocar entidades ancestrais, enquanto a civilização ocidental se precipita para uma morte artificial.

Partimos de duas hipóteses metodológicas. A primeira diz respeito a que apagar, rejeitar ou cancelar no espaço público os discursos e cosmovisões que se consideram *a priori* errôneos desconsidera o potencial da razão crítica e, além disso, mostra-se contraproducente, porque essas posições ideológicas “canceladas” buscam seus fóruns e seus espaços nas redes sociais, ondem encontram um público cativo que também se sente rejeitado e radicalizado. A segunda, que esses discursos e opiniões, tratados como absurdos e dignos de cancelamento só podem ser perigosos de fato se estiverem corretos no seu diagnóstico. Esta dupla questão justifica explicar criticamente a proposta de Land sobre o neoreacionarismo, pois só assim se pode desativar sua hipotética aura rebelde e alternativa e, ao mesmo tempo, analisar se contém algum grau de racionalidade.

Como frisamos antes, a ilustração obscura é um movimento que começa na primeira década do século XXI com dois autores fundamentais: o filósofo britânico Nick Land e o jornalista e propagandista da extrema direita norte-americana Curtis Yarvin, cujo pseudônimo nas redes sociais é Memphis Moldbur. Apresenta-se como um movimento neoreacionário porque se busca voltar a um ideal de sociedade do passado e criticar o modelo atual desde essa *retrotopia*. Eles mesmos se chamam neo-re-ac-cio-na-rios e os alguns pensadores críticos da esquerda os denominam de “tecnofeudais”.

Para seus defensores, as ideias propostas contradizem certos dogmas ou ideias preconcebidas sobre a Ilustração e se apresentam como uma voz dissidente no campo filosófico, particularmente da filosofia política contemporânea, quer dizer, uma *rara avis* que bebe de fontes muito diferentes. Cartografa a época em que vivemos tanto em seu *status quo* atual como em sua projeção para o futuro. (Land, 2022)

Em outros termos, o que se chama de Neoreação ou NRX é um movimento político, mas também um campo conceitual filosófico no âmbito da filosofia contemporânea. E verdade é ainda minoritária e alguns poucos intelectuais se adscvem como tal, mesmo que esteja relacionada com a *direita alternativa norte-americana*, e se organize e reproduza, sobretudo, no ecossistema da internet.¹⁸ Segundo seus próprios seguidores, quando Land fala em ilustração obscura ou em neoreação, longe de ser um movimento reacionário no sentido clássico, as suas ideias e as de Yarvin apresentam-se conscientemente a partir de um *paradoxo*: o prefixo *neo*, como algo novo, e *reação*, como uma reação contra o *status quo*.

¹⁸ Blogueiros que escrevem, e que ao escreverem uma série de ideias, pode-se dizer que seus diferentes artigos recopilam uma cosmovisão geral, uma série de conceitos, de críticas e de análises e diagnósticos sobre a modernidade e sobre nossa sociedade ocidental atual.

Como analisamos no parágrafo anterior, a ilustração obscura critica os *componentes normativos* e as ideias norteadoras da ilustração clássica em tanto uma defesa do racionalismo, da igualdade, da fraternidade, da universalidade e da emancipação que a razão crítica moderna representa, objetivados nos ideais da Revolução Francesa e da Revolução Americana, e nas instituições da democracia liberal e do Estado de direito. Todos esses conceitos que, por assim dizer, organizam o *modus operandi* da civilização ocidental nos últimos três séculos são radicalmente criticados pela ilustração obscura, que se apresenta como uma reação e uma contra-política no que diz respeito ao modelamento das estruturas políticas da modernidade.

Segundo Land, a neoreação implica imaginar um futuro alternativo que não implique necessariamente uma regressão, mas um confronto com a direção que está tomando o futuro hegemonizado pelo *progressismo* cultural e político e, ao mesmo tempo, imaginar um futuro obscuro que contrarie as ideias do progressismo iluminista. A tarefa consiste em elaborar as premissas filosóficas que conduzam a um “progresso”, muito diferente daquele defendido pela filosofia ilustrada. Em outros termos, há uma proposta de progresso que rechaça as ideias do progressismo cultural e político, mas que não significaria um *retorno a* ou *uma reação a*, como poderíamos imaginar, mas uma espécie de *contradição ou ponto de fuga* com o modo de operar e com o vetor de futuro, que alavancam os padrões políticos das sociedades atuais. Os neo-reacionários são contra esses valores, não querem conservá-los nem os reformar, querem, pelo contrário, *revolucioná-los* baseados numa normatividade valorativa em confronto explícito com a da ilustração.

Quando Land fala em neorreacionarismo, menciona *três tipos de sujeitos políticos* que, apesar das suas diferenças, estariam de acordo com seus ideais normativos e com a sua base de sustentação filosófica:

a) *etnonacionalismo*: o pertencimento legítimo a uma nação (a cidadania etnonacionalista) não depende apenas do solo e das leis onde se nasce, mas pelo *pertencimento*, inclusive sanguíneo, a um grupo étnico específico, cuja identidade se apresenta fixa e primordial.

b) *teonomismo*: a sociedade deve ser governada pelas leis divinas da Bíblia, o que inclui, sobretudo, as leis civis e judiciais do Antigo Testamento, as quais, por continuarem válidas até hoje, devem orientar os Estados modernos e influenciar ou controlar as esferas políticas e culturais das sociedades atuais à luz da fé cristã.

c) *tecnocomercialismo*: as lógicas de mercado, o livre comércio radical e o avanço tecnológico desregulado (especialmente nas áreas de cibernética e IA) devem ser as *drivers forces* da sociedade atual, onde o capital, a tecnologia digital e a IA atuam maneira autônoma e transumanizada.

Em outros termos, se a ilustração defendia a liberdade no uso crítico do próprio entendimento, a coragem de pensar por si mesmo (resumida no *Sapere Aude* de Kant), a igualdade perante as leis, o direito ao voto livre etc. os filósofos da ilustração obscura vão defender a *hierarquia* social e intelectual, baseada na “desigualdade natural” característica do ser humano. Se a ilustração defendia uma lógica de emancipação universalista e direitos humanos universais, ilustração obscura vai defender *direitos diferenciados e hierarquizados* das elites.

Há uma defesa quase militante de uma reação anti-ilustrada, porque, segundo a sua interpretação, foi a própria ilustração que conduziu ao atual estado de coisas social, política e cultural equivocado e ineficiente, e a única forma de *superar* essa “condição ilustrada” responsável pela crise atual, é acabar com sua sustentação filosófica e normativa. Esse é o principal motivo pelo qual se recusa a democracia liberal



representativa, o mundo de igualdade de direitos universais e a liberdade política baseada na soberania popular.¹⁹

6.2. O conceito “a Catedral”, as críticas à democracia liberal e o ideal político tecnocrático

O conceito “*a Catedral*” é central nas análises de Land e engloba todo o pensamento neorreacionário. Tanto ele como Yarvin entendem que a *catedral*, como eles a denominam, é um *ecossistema* composto pelas universidades, meios de comunicação, instituições de corte cultural, museus, burocracias etc. Enfim, todas as organizações que compartilham os “valores progressistas”, que funcionam como usinas para um *consenso ideológico* e que o difundem através dos meios de comunicação, os livros, periódicos, revistas etc., sistemas e ecossistemas que dominam através do pensamento. Em suma, o que se denomina popularmente de “*cultura woke*”.

A primeira crítica neoreacionária à democracia liberal, aos países que têm parlamento, votação livre, liberdade de expressão etc., ou seja, os direitos fundamentais, característicos das democracias liberais e que se arraigaram nos países nos quais a ilustração agiu como elemento de coesão ideológico, começa com a ideia de Yarvin, incorporada por Land, de que “a catedral”, é o principal inimigo a ser vencido.

Acostuma-se definir a democracia como um regime político que se sustenta na existência de uma “opinião pública”, a ideia de que todos os cidadãos devem ser livre para poder expressar sua própria opinião. Entretanto, na visão de Land e de Yarvis esse ideal democrático não funciona na prática porque há um *grupo de poder*, “a Catedral”, que se localiza nas grandes universidades, nos meios de comunicação, no mundo da cultura de esquerda, nas instituições sociais etc. que impõem de fato um consenso ideológico, uma *ideologia hegemônica* (Gramsci). Fundamentalmente, porque controla o idioma circulante, monitorando o que é aceitável pensar, como tem de falar etc. e identificam essa ideologia com a *cultura woke*, com o politicamente correto. Segundo eles, a opinião pública não é uma criação de indivíduos livres, mas uma criação *imposta* aos indivíduos pela catedral, um *poder real* mais poderoso até do que os governos.²⁰

A segunda crítica sustenta que a democracia não é o “governo do povo”, mas o *governo de determinadas elites*. É o governo de uns poucos sobre muitos. Há uma ilusão no ideal democrático já que de fato o poder real está nas mãos de a Catedral. A democracia real transformou-se numa “demo-esclerose” porque é um processo ineficiente de *paralisia política* permanente. Com efeito, para se atingir uma decisão política legítima no Estado democrático de direito tem que se respeitar procedimentos legais-burocráticos legítimos, mas que emperram as decisões políticas cotidianas e produzem *ineficiência sistêmica* (ex. negociação política no poder executivo, acordos parlamentares, filtros do poder judicial e controle de constitucionalidade para saber se a lei votada no poder legislativo é ilegal ou não etc.). Em suma, há uma crítica aos ideais de pesos e contrapesos que sustentam o Estado de direito.

A terceira diz respeito a que as democracias se baseiam no “ideal igualitário”. Entretanto, “a natureza humana” é *desigual, hierárquica e competitiva* e, portanto, o igualitarismo não corresponde à condição humana. Toda a igualdade política que as

¹⁹ Esta é uma posição que recentemente foi defendida, por exemplo, por diversas pessoas próximas ao atual presidente dos USA Donald Trump. Spencer, pai fundador do *Instituto Nacional de Política*, que cunhou em 2010 o termo “direita alternativa”, a *Alt-Right*, afirmou que ele não se considera um supremacista branco, no sentido de que a raça branca não tem que dominar e oprimir outras raças, mas que é apenas um nacionalista e um identitário racial (etnonacionalista) que reconhece o direito e a obrigação de todas as raças a se autodeterminar e a se constituir como estados independentes.

²⁰ É interessante notar como algumas das posições neoreacionárias são devedoras de ideologias conspiracionistas, muito vigentes e atuantes nas redes sociais e defendidas veementemente no debate político atual.



instituições da democracia liberal legitimam não é mais do que uma *ficção* e, assim, um erro conceitual e uma ideologia pífia.

Segundo Land, a crença na igualdade humana substancial é uma superstição. Pode ser injustificado crer nos duendes, mas pelo menos as pessoas que mantêm essa crença não os estão vendo durante todas as horas do dia. A desigualdade humana, ao contrário na sua abundante multiplicidade, se exhibe constantemente. As pessoas não são iguais, não se desenvolvem iguais, seus objetivos e seus logros não são iguais. E nada pode igualá-las. A igualdade substancial não tem nenhuma relação com a realidade, salvo com sua negação sistemática. Enfim, a defesa dos direitos humanos universais e iguais para todos, baseados numa suposta igualdade humana, é apenas mais uma superstição.

A neoreação *naturaliza* a desigualdade e confunde “o direito à igualdade” com as desigualdades reais. Todos os seres humanos são livres e iguais *em direitos*. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu momento a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, não afirma que todos os seres humanos são iguais na realidade concreta das suas existências. O único que defendem é que *todos os seres humanos são iguais em direitos*, independentemente das suas diferenças reais.

Não saber distinguir logicamente a ideia de direito e a ideia de realidade, quer dizer, entre o ser e o dever ser, é preocupante do ponto de vista filosófico. Se não aceitarmos esta distinção ou, melhor dito, se não aceitarmos o *status normativo* da moral e do direito, quer dizer, que entre os fatos também existe o mundo das normas, temos que aceitar do ponto de vista lógico a chamada “falácia naturalista”. A história da filosofia tem frisado a relevância epistemológica da distinção entre *ser* e *dever ser* e de quebrar as linhas de *continuidade* entre eles, demonstrando a *inconsistência* do ponto de vista lógico da falácia naturalista.²¹

As respostas neorreacionárias perante as crises sistêmicas da democracia vão ser encontradas, especialmente, no mundo das empresas privadas, sobretudo, no ecossistema corporativo da alta tecnologia, das Big Techs digitais e de IA. No seu funcionamento não há nenhum ideal de igualdade nem de direitos universais. tem *jerarquia* e *elites*. Uma empresa de alta tecnológica *corresponde* à natureza humana na medida em que é desigual, hierárquica e competitiva.

Os neorreacionários defendem um Estado-Corporação ou um Estado-Empresa. Propõem governar a *polis* como se fosse uma corporação privada, uma forma de governo eficiente, elitista e hierárquica, em lugar de partidos, eleições, parlamentos, ou seja, em lugar da “demo-esclerose”. A direção política será das elites, elites que são “técnicas”, não são elites políticas, não são elites ilustradas, mas *elites tecnocráticas*. Em suma, a deslegitimação dos parlamentos, partidos políticos, igualdade de direitos políticos etc. garante *eficiência* e *estabilidade* ao sistema político.

A *tecnocracia* é seu ideal de sistema político. O *sujeito de governo* será uma “monarquia tecnológica”, nas palavras de Land. Não se defende, logicamente, uma monarquia ou aristocracia baseada na nobreza de sangue, mas uma *aristocracia política* de *elites tecnológicas competentes* que já demonstraram serem gestores eficientes e eficazes nas suas próprias empresas. Em outras palavras, o espelho das novas lideranças políticas neorreacionárias devem ser as *Big Techs* e a cultura empresarial do Vale do Silício, ninho de grandes gestores criativos e eficientes. A legitimidade do governante não está mais assentada exclusivamente no voto popular, na representação política ou no bem

²¹ Essas análises lógicas e epistemológicas foram desenvolvidas pela filosofia analítica no século XX, mas já tem seu fio condutor no século XVIII, na filosofia de Hume e em toda a filosofia moral kantiana, com a distinção crítica entre o uso teórico da razão e o uso prático da razão.

comum, mas nos seus resultados concretos e, especificamente, nos seus resultados econômicos: *a legitimidade política se identifica exclusivamente com os resultados econômicos*.

Há uma defesa de uma espécie de *microestados*, de pequenas comunidades e pequenos estados, que, na realidade, são corporações privadas. Poderá haver uns maiores do que outros, mas a ideia central é que se governem como uma empresa. A ideia de fundo é que se você não gosta da sua empresa, você vai para outra, e não acontece nada porque não há nenhum *laço afetivo* com a sua empresa. A dissidência, na democracia liberal representativa se resolve com a voz, com o debate democrático na esfera pública (*vox*). O neoreacionarismo afirma que se você não gosta, não se preocupe, saia voluntariamente do Estado e vai a outro estado (*exit*). Defende-se a eficácia, a liberdade econômica e de movimento contra a falsa soberania popular *territorializada*, contra a “falsa democracia”. A nova normatividade política dos neoreacionários são *a estabilidade, a ordem, a eficiência, a inovação e a hierarquia*.

E relevante ressaltar que na perspectiva neorreacionária há uma crítica explícita à economia liberal clássica ao negar em determinadas situações o funcionamento da lógica do mercado, eliminar a competência em setores específicos da economia mais inovadora e se defender certos monopólios e oligopólios corporativos privados. (Thiel, 2014 e Karp, 2025) Cada micro-estado atua como *único*, não existe livre concorrência no mercado e são contrários à globalização econômica.

7. Conclusões

Talvez o mais relevante dos movimentos neorreacionários, é que, no fundo, são um sintoma de um mal-estar social sub-reptício que emerge bruscamente, sintoma de uma *perda progressiva de legitimidade da democracia representativa liberal* como tem funcionado até hoje. Parece tem perdido o *encanto* e, por assim dizer, o entusiasmo e a atração para capturar a atenção e a adesão de um amplo setor da cidadania. Isso tem permitido o florescimento de partidos políticos e grupos organizados *-on-line* e *off-line*- contrários à democracia liberal em vários países com uma arraigada tradição democrática. Esses diversos partidos e grupos com suas ideologias extremistas tem começado a cooptar a atenção da opinião pública rapidamente e, assim, a captar relevantes recursos econômicos por meio de poderosas estruturas empresariais e políticas.

O que conhecemos e experimentamos como democracia na modernidade, é, por um lado, uma democracia representativa que está estruturada em torno de valores iluministas liberais baseados no *indivíduo*, na sua autonomia, sua capacidade de decidir livremente, na extensão da proteção de direitos a todos os grupos, incluindo as diversas minorias etc. Em outros termos, o sistema democrático, do ponto de vista *normativo*, expressa o avanço e a extensão universal de direitos igualitários que se podem qualificar como direitos de corte liberal, porque se centram na *autonomia* dos indivíduos. Por outro lado, há uma defesa de um sistema procedimental de decisões legítimas baseado em votações livres por parte dos cidadãos que têm direitos políticos e um balanço harmônico entre os diversos poderes do Estado, o que permite legitimar um Estado de direito que possibilita aos indivíduos escolher, via eleitoral, quem os vai representar.

No entanto, há na atualidade, em diversos setores da cidadania, um *desencanto* e um *mal-estar* com os resultados políticos, econômicos e sociais da democracia representativa. Essa crise se reflete como sintoma no ataque dos neorreacionários -que começa a ter certa ressonância na população- ao que eles chamam de a Catedral, uma rede perversa que articulava certos valores liberais de corte progressista nas sociedades



democráticas. Com efeito, se não houvesse uma *crise real* do sistema democrático, essas ideias extremistas seriam totalmente marginais ao *core* do sistema político, mas se começarem a interessar a uma parte expressiva da população, ingressam ao sistema partidário e pelo voto popular às instituições da democracia. Mais ainda, são aceitas como “naturais” porque há uma caixa de ressonância no mal-estar social a partir de uma crise política profunda nos sistemas democráticos que permite que isso aconteça.

Tanto em Land como em Yarvin, a chave que pode mudar o estado de coisas presente está na arquitetura institucional do sistema capitalista atual: uma arquitetura institucional do tipo proprietária. Em outras palavras, precisa-se substituir a *legitimidade política*, que na democracia liberal encontra-se na soberania popular, pela *legitimidade econômica* de uma arquitetura institucional centrada agora em um conceito específico de propriedade. Propõe-se uma nova legitimidade diferente da legitimidade da soberania popular, marca registrada dos sistemas democráticos.

É por isso que alguns críticos chamam esse movimento de “tecnofeudalismo”, porque estaríamos falando de um governo oligárquico, mas com cortes de tipo feudal, ou seja, apenas quem tem propriedades, ações no mercado financeiro ou patrimônio de diversa espécie pode efetivamente exercer influência ou decisões sobre o poder.²² No caso do Land, busca-se a geração de uma *elite transumanista*, a qual produziria com sucesso uma sorte de *acoplamento* entre indivíduos, TI e IA, uma revolução tecnológica híbrida que permitiria a uma nova elite se legitimar no governo da *polis*.

6. Referências

- AUSTER, Paul. *Homem no escuro*. SP: Companhia das Letras, 2008
- AVANESSIAN Armen y REIS, Mauro. *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: editorial Caja Negra, 2017.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. RJ: editora Loyola, 2018.
- BAUMAN, Zigmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.
- CARVALHO SOUSA et Alli. *CCRU: 30 anos*. Revista das Questões. Brasília: ed. UnB. V. 20 N.1 (2025).
- CASTRO, Gustavo, OLIVIERI, Alejandro, LACERDA, Lourivânia. A Teoria Política de Montesquieu: as Visões da História e o Estado de Natureza *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n.13, jan.-jun. 2025.
- COECKELBERGH, Mark. *Ética na Inteligência Artificial*. SP: Ubu editora, 2024.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O Anti-Edipo*. SP: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. SP: Editora 34, 2020.
- DI CESARE, Donatella. *technofascismo. Entre la lógica del control y la política del miedo*. Buenos Aires: Paidós, 2026.
- KARP, Alexander e ZAMISKA, Nicholas. *A República tecnológica. tecnologia, política e o futuro do Ocidente*. RJ: editora Intrínseca, 2025.
- LAND, Nick. *La ilustración oscura. Y otros ensayos sobre la Neoreacción*. Madrid: editorial matéria oscura, 2022.
- LAND, Nick, “Colapso” em AVANESSIAN Armen y REIS, Mauro. *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: editorial Caja Negra, 2017.
- LAND, Nick. *Fanged Noumena*. Madrid, Holobiontes edições, 2019.

²²O termo “tecnofeudalismo” foi ampliado para descrever um novo estado da economia, em que o capitalismo tradicional teria sido superado ou passado a uma nova etapa. Os investimentos na nuvem, em que os proprietários são verdadeiros rentistas feudais sem competência, e em que todos devem pagar para poder acessar a esses espaços. Por isso, não se poderia falar em capitalismo, mas de algo similar a um sistema feudal.



- LAND, Nick. *Sed de aniquilação. George Bataille y el Nihilismo Virulento*. Madrid, Holobiontes edições, 2021.
- LAND, Nick. *Machinic Desire*. Núcleo de Estudos Esquizocibernéticos. Brasília: UnB, 2024a.
- LAND, Nick. "Uma introdução rápida ao aceleracionismo". Medium. 2024b
- LAND, Nick e PLANT, Sadie. "ciberpositivo" em Fernandez Giordano, Federico (ed.) *Ciborgs, zombies y quimeras: la cibercultura y las cibervanguardias*. Madrid: Holobionte ediciones, 2020.
- LYOTARD, François. *Economia libidinal*. México: FCE, 1990.
- MIRANDA, Arnaud, *La ilustración oscura*. Madrid: editorial Taurus, 2026.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. Os novos filósofos da extrema direita atual: Alexander Karp, arquiteto da nova ordem iliberal e profeta da República tecnológica. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*. Ano 17, Vol. XVII n 54 jul-dezembro 2026a.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. Os novos filósofos da extrema direita atual: Peter Thiel e a cosmovisão tecnocrática apocalíptica da política. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*. Vol. 17, n 54, 2026b.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo. A ascensão da Extrema Direita: uma crise civilizatória? *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano 7, Vol. VII, n. 14 (jan./dez.) 2025.
- OLIVIERI, Alejandro, CASTRO, Gustavo, LACERDA, Lourivânia, & PALMA, Rodrigo. O porquê de se filosofar em tempos de pandemia. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Ano II, Vol. 2, n 4 (jun.-dez.) 2020.
- PIVEN, Frances, e CLOWARD, Richard. "The Welfare Rights Movement: The Weight of de Poor". Revista The Nation, 1996
- THIEL, Peter. *De Zero a UM: o que aprender sobre o empreendedorismo com o Vale do Silício*. RJ: ed. Objetiva, 2014.
- VAROUFAKIS, Yanis. *tecnofeudalismo. O que matou o capitalismo*. Lisboa, ed. Crítica, 2025.